

FACULDADE DE CONCHAS – FACON

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU
Arte de contar histórias: abordagens poética, literária e performática.

CELIA MARIA DE SANT'ANNA

**História da trajetória de uma escrava do sertão
Nordestino à cidade de São Paulo.**

SÃO PAULO

2019

Celia Maria de Sant'Anna

**História da trajetória de uma escrava do sertão
Nordestino à cidade de São Paulo.**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Pós-graduação Lato Sensu, Arte
de contar histórias: abordagens poética,
literária e performática, como requisito para
obtenção do grau de Pós-graduando da
Faculdade de Conchas.**

Orientador: Profº Drº Giuliano Tierno de Siqueira.

SÃO PAULO

2019

RESUMO

Objetivo desta narrativa mesmo com informações fragmentadas, é registrar a memória de Maria de Barros Sant'Anna, nasceu no final do século 19 em uma das fazendas de plantação e beneficiamento da cana de açúcar no sertão pernambucano, região Nordeste do Brasil. Época em que oficialmente já estava extinto e proibido o trabalho escravo, mas o coronelismo ao fazer vista grossa à lei ainda mantinha centenas de pessoas nestas condições.

Maria de Barros nasceu escrava e desde então cresceu entre os pés da cana de açúcar cultivando e colhendo, viveu na senzala, assistiu e viveu à diversas atrocidades desumanas pelo capataz aos negros. Na Casa Grande foi parteira, ama de leite, amante do seu senhor. No fim do ciclo da cana de açúcar, colheu café nas fazendas do Espírito Santo e interior de São Paulo, região Sudeste do Brasil. Teve seis filhos, enterrou dois destes e o seu marido, foi lavadeira, passadeira e quituteira e já com idade avançada se alfabetizou e morreu farta de dias, como ela mesma disse.

Palavra chave: Memória, Escrava, Cana de açúcar, Século XX, Resiliência.

ABSTRACT

The aim of this narrative, despite the short content, is to register the memory of Maria Barros de Sant'Anna who was born in the nineteenth century in one of the sugar cane farms in the countryside of *Pernambuco*, in Northeastern Brazil. When slavery was already abolished and forbidden, though *coronelism* overlooked the law and kept hundreds of people under such condition.

Maria de Barros was born slave and since so she grew up cultivating and harvesting sugar cane; she lived in *senzala*, saw barbaric outrages toward African descendant by foreman. She was midwife, wet nurse and Master's lover in Casa Grande. In the end of the period of sugar cane, she cropped coffee in farms located in Espírito Santo and in the countryside of Sao Paulo, Southeastern Brazil. She had six children, buried two and her husband, was a washerwoman and a *quitute* maker; at an advanced age, she learned how to read and write and died full of days as she said herself.

Keywords: Memory, Slave woman, Sugar cane, Resilience

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – FOLHA DE GRAVATÁ	p.5
FIGURA 2 - BATATA DE “IMBU”	p.5
FIGURA 3 - COLHEITA DA CANA DE AÇÚCAR	p.6
FIGURA 4 – COLHEITA DE CAFÉ	p.6
FIGURA 5 – LAVADEIRAS À BEIRA DO RIO EM SÃO PAULO	p.7
FIGURA 6 – IMAGEM DE MARIA DE BARROS SANT’ANNA.....	p.7

INTRODUÇÃO

Este trabalho são fragmentos de memória de uma escrava nascida na senzala no cultivo de cana de açúcar e resistência dos negros contra a escravidão extinta no papel, mas ativa nos confins da zona rural do sertão, nordestino do Brasil, sob uma sucessão acontecimentos em sua vida como os maus tratos, submissão, fome, viagens ao desconhecido, luto, e resiliência até se estabelecer na cidade de São Paulo, região Sudeste do Brasil.

PERSONAGEM

Eu, Maria Barros de Sant'Anna, nasci na Fazenda Serra Sant'Anna, situada a 600 km do Recife, capital de Pernambuco, Brasil, escrava e filha de africanos capturados e trazidos para o Brasil em um dos últimos navios negreiros, mesmo após a extinção do tráfico no continente africano.

Nasci escrava e morava na senzala, habitação coletiva, de construção longa, sem janelas, dotada de orifícios junto ao teto para efeito de ventilação e iluminação. Com paredes de pau a pique e coberta de sapé, possuía divisões internas, não havia mobília, somente um estrado com esteiras e coberta com travesseiros de palha.

Os casais moravam em pequenos barracos de pau a pique, cobertos com folhas de bananeiras; os solteiros viviam em casas separadas; e as crianças dormiam com a mãe, se houvesse, porque muitas mulheres morriam na hora do parto e a criança ficava à mercê de quem dela se compadecia.

Vivíamos entre homens e mulheres de línguas e culturas diferentes, o que dificultava o estabelecimento de qualquer contato de amizade a princípio; além da constante vigilância do feitor, que impedia a aproximação entre os escravos. Era proposital essa heterogeneidade cultural da população escrava, para evitar a integração e o surgimento de qualquer espécie de organização ou rebelião de escravos.

As roupas eram confeccionadas de algodão grosso para os homens: calça, camisa e uma espécie de colete longo, um jaleco, destinado a proteger o escravo durante o ano inteiro. As mulheres usavam saia e blusa de chita.

Na lavoura, principalmente no verão, os escravos eram cobertos por trapos que se deterioravam rapidamente pela ação do esforço realizado e das intempéries; o sol excessivo e chuvas não eram motivos para a interrupção do trabalho. Já os escravos domésticos recebiam roupas novas e limpas. Isso aconteceu comigo quando, por volta dos 12 anos de idade, fui trabalhar na casa-grande para ajudar nos serviços domésticos e fazer companhia às sinhás.

Ainda criança, havia a difícil tarefa de plantar e colher a cana de açúcar de sol a sol. Eram comuns as longas jornadas de trabalho, que iniciavam ainda de madrugada, ao som do sino que despertava os escravos para que eles se apresentassem enfileirados ao feitor a fim de receber as tarefas do dia. As crianças escravas nunca souberam o que é brincar ou ficar à toa. Preguiça, jamais! Não havia manha para levantar, senão o chicote cantava logo cedo.

Tentei ser amiga de uma menina que também morava na senzala. Quando o feitor percebeu, levou a menina para o tronco até escorrer o sangue pelas pernas. Ela nunca mais falou comigo.

O almoço era servido às dez horas da manhã. O cardápio constava de feijão, angu de milho, abóbora, farinha de mandioca, eventualmente toucinho ou partes desprezadas do porco, como rabo, orelha e pé, além de frutas da época. Qualquer que fosse a comida, era preparada em enormes panelas e servida em cuias nas quais os escravos enfiavam as mãos ou colheres de pau.

A refeição deveria ser feita rapidamente para não se perder tempo, e de cócoras; os negros tinham que engolir tudo, porque logo em seguida a faina continuava. Por volta de uma hora da tarde, um café com rapadura era servido, substituído nos dias frios por cachaça, que as crianças também bebiam; e às quatro horas da tarde, jantavam o mesmo que no almoço, descansavam alguns minutos e retomavam o trabalho até escurecer.

No período da colheita, nós trabalhávamos em equipe: deveríamos colher, limpar, preparar e carregar as carretas de boi, sob um sol intenso e no meio da vegetação espinhosa e infestada de pequenos e perigosos insetos. No auge da safra os negros trabalhavam de 17 a 19 horas diárias de domingo a domingo, ao ponto de chegarmos à exaustão.

Na Fazenda Sant'Anna também havia o engenho para o beneficiamento da cana de açúcar, transformada em açúcar. Para evitar a inatividade dos escravos, o senhor do engenho contava com a cana de açúcar de seus arrendatários, e as de pequenos e médios plantadores. Esta atividade custou a vida de muitos escravos; outros perderam membros do corpo, como dedos, mãos, braços e pés, decepados pelas máquinas.

Em dias santos e nos domingos, eu e outras meninas tínhamos a tarefa de limpar a senzala e varrer todo o terreiro, junto com outras mulheres. Minha mãe aproveitava as frutas que caíam das árvores para comer e fazer doces, o que eu mais gostava era de banana da terra assada na lenha. Os homens consertavam estradas, cercas e telhados, construíam galpões, destruíam formigueiros e realizavam outras pequenas tarefas que lhes consumiam toda a manhã.

Houve um tempo em que o senhor do engenho permitiu que os escravos cultivarem legumes, verduras e condimentos para si, a fim de complementar as refeições de sua família e para vender. O máximo que conseguiam de lucro adquiriam uma roupa de domingo ou gastavam tudo em cachaça ou fumo.

Aos domingos e feriados era permitida e tolerada a dança e música dos escravos sempre sob a supervisão do feitor.

Levado com frequência a abandonar sua religião de origem, o escravo foi incorporado nos rituais religiosos católicos, descaracterizando totalmente sua crença e seus rituais, exercidos no país de origem.

Minha mãe contou que os escravos de diversas regiões da África trouxeram consigo suas crenças, rituais animistas e o islamismo. Logo que chegavam ao Brasil, os africanos eram batizados, recebiam nomes cristãos e estimulados a esquecer seu nome nativo e a prática dos cultos africanos. A atribuição de um novo nome e o batismo representavam a transformação do cativo em escravo, o qual deveria se conformar com sua nova condição de vida. Assim, era de se esperar que o escravo identificasse o poder com a religião.

No período da escravatura, a religião católica deveria ser um freio para os revoltados, um consolo para os desanimados, uma esperança para os desgraçados e um alento para os fracos, como se dizia na época. O senhor da terra deveria ser entendido como um pai, severo e duro, temido

e respeitado, que tudo fazia para o bem dos seus filhos. Os negros foram obrigados a aprender o idioma português e a religião católica, único bem moral que recebiam dos brancos.

Na fazenda onde nasci, os domingos e dias santos não eram respeitados com rigor, dava-se a devida importância à missa ou reza com os escravos somente no enterro de alguém da casa-grande ou quando o padre vinha para batizar alguma criança. Além disso, as condições de vida na senzala eram de muita promiscuidade. Havia uma mulher para quatro ou cinco homens, e éramos constantemente estupradas.

Entre os pés de cana era comum as mulheres serem abordadas. Aconteceu comigo. Osório, negro alto, forte, de peito aberto falou para mim: “Vamos brincar!”. Quando ele me falou isso, não entendi. No mesmo instante ele me apertou e me abraçou. Começou a fazer cócegas e tirar minha roupa. E eu: “Não, não quero, não quero brincar!” E ele: “Vamos, vamos! Cala a boca e vamos brincar”. Aí ele pôs a mão na minha boca e fez o ato. Eu chorei muito, porque não queria brincar, me senti muito mal.

Consciente do problema que representava a presença de muitos homens sem mulher, o senhor da fazenda, na prática estimulava uniões transitórias, realizadas frequentemente apenas com sua autorização, sem as bênçãos do pároco que fechava os olhos para o fato. Foi quando eu e João “nos casamos” sem cerimônia religiosa e sem cumprimento do sacramento da igreja diante do padre e desta união nasceram seis filhos: José, Rute, Judite, Daniel, Noelma e Joel.

Quanto ao senhor do engenho, entregava-se às negras e mulatas com todo o empenho, buscando usufruir da satisfação que não encontrava em sua formal cama de casado. Cumpria com sua mulher branca as obrigações de reprodutor e marido, mas voltava-se às escravas para o prazer sexual.

Há duas quadrinhas populares que mostram as escravas como objeto sexual (Goulart, p.48):

Preta bonita é veneno,
Mata tudo que é vivente;
Embriaga a criatura,
Tira a vergonha da gente.

Um laço de fita verde
Com três dedos de largura,
Na cintura da mulata,
Mata qualquer criatura.

Mulata é doce de coco,
Não se come sem canela.
Camarada de bom gosto,
Não pode passar sem ela.

A casa-grande era construída de pedra em dois andares; possuía, além das dependências senhoriais, cozinhas, despensas, capela, refeitórios, lavanderia, lavatório, adega, biblioteca, pátio, varanda externa, galinheiro, chiqueiro, pomar e poço. Estas eram as instalações diretamente articuladas à casa-grande.

Na casa-grande vivia o senhor de engenho, seus familiares e dependentes, como o pároco da fazenda e os domésticos mais próximos. O dia a dia era de muito trabalho e maus-tratos, como beliscões, puxões de cabelos, insultos verbais e vara no lombo por qualquer motivo. E perseguições constantes por causa das sinhás. Muitas vezes eu fui hostilizada e molestada até mesmo pelo padre da fazenda.

Um dia chegou à fazenda o sobrinho do senhor, rapaz novo e elegante. Vivia com charuto a jogar cinzas por toda a casa, obrigando-me a agachar constantemente para limpar o chão antes que eu fosse para o tronco. Certa manhã, próxima à porta do quarto dele, eu me abaixei, ele veio por trás e me puxou para dentro do quarto. Briguei muito, mas não houve jeito. Eu lembro que chegou uma hora em que era como se eu estivesse morrendo. Veio à minha mente: “Finge que você está morta”. Eu soltei o corpo e segurei a respiração, então ele me deixou e foi embora.

Amamenteei cinco crianças que a senhora, após o parto, entregava aos meus cuidados. Algumas vinham ao mundo amarelas, semimortas. No benzer com as ervas e rezas que minha mãe me ensinou, em poucos dias os pequenos estavam espertinhos e rosados. Na hora de dormir, eu contava histórias de medo ou bicho do mato que aprendi ouvindo de algum negro velho da senzala.

Essa era a história que as crianças mais gostavam de ouvir:

“No interior das florestas do Congo e Angola vive um monstro muito temido pelas crianças pequenas, conhecido com KINBUNGO. O Kinbunگو é um gigante peludo, meio homem, meio lobo. Tem uma enorme cabeça, olhos cor de fogo e pés em formato de pilão. Tem também um grande buraco nas costas, que abre e fecha conforme ele abaixa e levanta a cabeça. Ele gosta muito de comer crianças. Dizem os velhos que ele faz assim: chega perto da criança e abaixa a cabeça, então o buraco nas costas abre, ele pega a criança, joga lá dentro e... pronto! Ela desaparece e nunca mais se ouve falar dela”.

REPRESSÃO E CASTIGO

O senhor considerava-se no direito e no dever de corrigir fisicamente os escravos, que eram suas propriedades. Certa vez chegou um novo grupo de negros, comprados para substituir os mortos, velhos e fugitivos. Estavam todos expostos no pátio, sendo vistoriados pelo senhor ele pediu ao feitor um chicote, sendo imediatamente atendido. Mandou amarrar um dos recém-chegados no tronco e lá golpeou com tamanha fúria o infeliz até deixá-lo estendido no chão. Quanto a nós, negros, o castigo físico tornou-se parte de um universo único: éramos racialmente inferiores e propriedades de outrem.

Nos últimos tempos, os negros cantavam pateticamente: (Maestri Filho, p.88)

Meu patrão me bateu,
Ele não procedeu bem,
Nada de mal fiz eu,
Mas ele bateu em eu.

Veio a crise do açúcar, que reduziu drasticamente os lucros dos senhores de engenho do Nordeste, e a maldade do feitor e do senhor duplicou. Era comum os negros serem espancados por qualquer motivo.

Uma tarde de sol escaldante, e a terra parecia tremer de tão quente, quando Benedito, rapaz crioulo, voltando da roça, viu o feitor açoitar sua mãe. Aquilo o revoltou de tal maneira que avançou contra o feitor com um cajado até matá-lo. Levado à prisão, quando o juiz perguntou no final da sessão se o negro tinha algo a acrescentar em sua defesa, algo incomum para o escravo, Benedito respondeu: (Pinsky, p.88)

Em meio às galinhas, baratas nunca tem razão.

Após a proibição de manter escravos na fazenda, o senhor do engenho cedeu pequenos lotes de terra, no sistema de arrendamento, para os libertos que ali permaneceram. A terra estava muito cansada, desgastada, e nada mais produzia.

Era período de seca, de estiagem em todo sertão. Nós bebíamos a água das folhas de gravatá para matar a sede e colhíamos as batatas de umbu, que ralávamos para fazer farinha e comer.



Meu filho José estava muito fraquinho, não resistiu e morreu. O sol castigava o solo com longas rachaduras, até que finalmente as nuvens apareceram no céu e a chuva veio. Ouvia lá da ribanceira uma barulheira de dar medo, a água arrastava tudo o que estava a sua frente: galhos, troncos de árvore, boi, esqueleto de jumento, até as casas dos lavradores. Quando chegou em minha terra, todo aquele aguaceiro carregou a nossa plantação. Não ficou uma semente sequer, até o nego Salvador foi carregado, quando tentava passar a nado pelo riacho, a fim de salvar a família do Tião. Seu corpo foi encontrado três dias depois no meio do lamaçal.

Éramos muito pobres e a vida, muito difícil, por causa da estiagem no sertão. Meu marido, desanimado, pronto a desistir de tudo, soube por alguns escravos de outras fazendas de que no Estado do Rio de Janeiro as fazendas que antes cultivavam cana de açúcar agora estavam plantando mudas de café e que havia muito trabalho por lá. Ajuntamos nossos "teréns" e, com os cinco filhos, partimos para o tal Estado do Rio de Janeiro, mas acabamos ficando no Estado

do Espírito Santo, porque era tempo de colheita de café e a necessidade da mão de obra era grande.



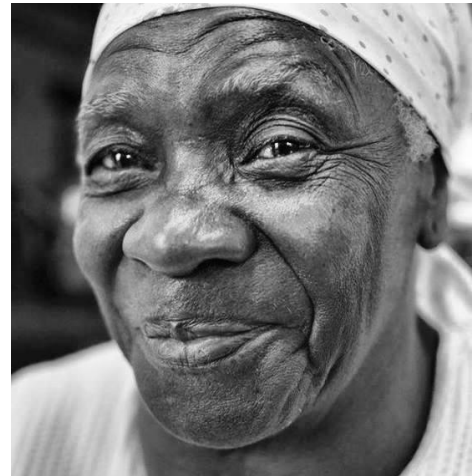
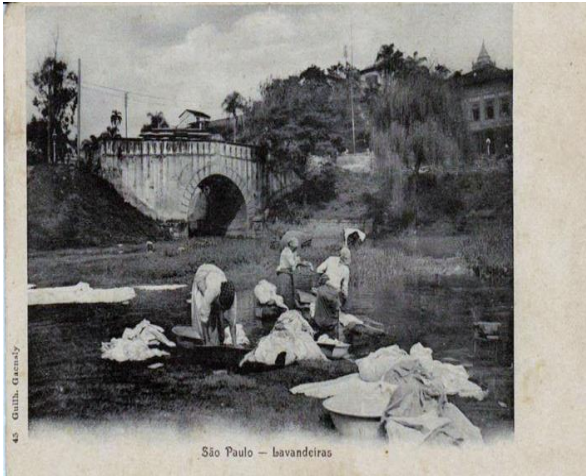
Nós nos estabelecemos em uma fazenda na cidade de Cachoeiro do Itapemirim, no Estado do Espírito Santo. Trabalhamos muito naquelas terras até que aconteceu a crise de 1930 e muitos dos que haviam vindo do Nordeste não encontravam trabalho nas fazendas e nem na cidade. Ficávamos semanas sem ter o que fazer. Meu marido trabalhava em tudo: na enxada, apanhava café, carpia o mato, arava a roça, trabalhava com carroça, domava animal, era só trabalho bruto. Eu trabalhei tanto na roça como nas casas das donas e lavando roupa no rio. Foi quando começamos a frequentar a Igreja Batista, que doava mantimentos às famílias, porque era muita boca para comer.

Certo dia meu marido saiu de casa desorientado por não ter nada o que fazer, e alguém na rua contou que havia muitas fazendas de café no Estado de São Paulo e que estavam à procura de gente para o trabalho. Arrumamos nossos pertences, partimos em uma nova jornada e nos instalamos na Fazenda Rialto, na cidade de Bananal no Vale do Paraíba em São Paulo, onde permanecemos por muito tempo e frequentando a Igreja Batista.

Em 1942 minha filha Noemia adoeceu e morreu de tuberculose. João meu marido sofria de cirrose e o médico da fazenda aconselhou que mudássemos para a cidade de São Paulo, onde ele teria melhor tratamento. Outra mudança! Ajuntamos nossos poucos pertences, agora com quatro filhos e com a ajuda da igreja, chegamos ao bairro de São Miguel Paulista, zona Leste de São Paulo, onde a Igreja Batista de São Miguel Paulista nos acolheu, arrumou moradia, sustento e médico para o João. Mas seu estado piorou, vindo ele a falecer três meses depois.

Eu e meus quatro filhos, Rute, Judite, Daniel e Joel, fixamos moradia em São Miguel Paulista. Trabalhei como empregada doméstica, lavadeira no rio, passadeira e quituteira (acepipe) que aprendi com minha vizinha e vendia no Mercado Central de São Miguel Paulista.

Eu tinha muita vontade de aprender a escrever meu nome. Uma amiga do Mercado Municipal me incentivou a fazer o Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização) para aprender a ler e escrever. E com sua ajuda, consegui completar o 4º ano.



Meus filhos já adultos, foram tentar a vida como operários nas indústrias paulistas, se casaram, me deram sete netos. E aqui morri farta de dias.

Reflexão sobre as condições sociais da mulher negra até os hoje, Século XXI.

Brasil é o país de maior população negra fora da África. Historicamente, um país escravocrata, em que ainda perduram as ideias racistas nas instituições governamentais e na sociedade em geral.

Considerando que a mulher no Brasil, até a Constituição de 1988, era legalmente cidadã de segunda categoria, ser mulher negra e pobre significava não ter os direitos mínimos de cidadania assegurados juridicamente.

Mesmo após a Carta Magna de 1988, a maioria das análises históricas sobre trabalho feminino não se aplica às mulheres negras brasileiras, porque já chegaram ao país na condição de trabalhadora escrava. Ser "dona de casa" é uma experiência que vai além de um século na vida das mulheres negras. Simplesmente atualizou o principal trabalho que elas desempenhavam desde a época pós-abolição: ser empregada doméstica.

As mulheres negras com escolaridade até o Ensino Médio apresentam uma trajetória ocupacional bem diferenciada das mulheres brancas do mesmo nível educacional.

A violência contra a mulher historicamente envolve espancamentos, estupros e assassinatos (violência doméstica e sexual). No caso das mulheres negras, a violência racial soma-se a outras, o que aprofunda as suas vivências em meio à violência, que teve início com o tráfico de escravos negros.

No período escravocrata as lesões corporais do tronco do pelourinho e a violência sexual perpetrada pelos senhores de escravos, seus familiares e agregados contra as escravas e eram consideradas naturais, porque elas não tinham domínio de seus próprios corpos.

Os estudos sobre saúde da população negra no Brasil são muito recentes, portanto, os dados são quase inexistentes. Diz-se que a diabetes tipo II, ou adulta/não insulino dependente, é prevalente em negros. Toxemia gravídica é uma consequência da hipertensão arterial não controlada durante a gravidez. As mulheres negras são as mais atingidas pela mortalidade materna no Brasil. Anemia falciforme é a doença genética mais comum da população negra no mundo. Não existe diagnóstico e cuidado precoce.

A história de Maria Barros de Sant'Anna não terminou. Estamos há quase duas décadas do século XXI, e ainda há milhões de mulheres como você, Maria de Barros, vivendo a discriminação de cor, subjugada e violentada, sofrendo as mais diversas precariedades humanas, passando por situações de extremo constrangimento por terem nascido negras, como se isso fosse um crime cometido pela natureza.

BIBLIOGRAFIA.

- CLARO, R. Kibungo, o monstro apavorado (MBUNDU). In: CLARO, R. **Encontros de histórias**. São Paulo, Hedra Educação, 2014. p. 7.
- GOULART, J. A. **Da palmatória ao patíbulo**: castigos de escravos no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Conquista, 1971. 223 p. Temas brasileiros, 12.
- HOUAISS, Antonio (Ed.). **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2001.
- MACHADO, M. A. **Trabalho Escravo no Brasil**: do período colonial aos dias atuais. Londrina: UEL, 2014. p. 4-6.
- MAESTRI FILHO, M. J. **Breve história da escravidão**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. p. 66-88. Série Revisão, 25.
- _____. Vivendo e trabalhando no Brasil. In: **A servidão negra**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. cap. 3 p. 52-60.
- **PARA uma história do negro**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1988. 64 p. Catálogo de exposição.
- PINSKY, J. **A escravidão no Brasil**. 18. ed. São Paulo: Contexto, 2001. 95 p.
- RAMOS, G. **Vidas secas**. Rio de Janeiro: Record, 2011. 138 p.
- Disponível em: <<https://martaiansen.blogspot.com.br/2016/04/lazer-para-livres-e-escravos.html>>. Acesso em: 29 mar. 2018.
- Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/ciclo-da-cana-de-acucar/>>. Acesso em: 2 abr. 2018.
- Disponível em: < <http://www.usinamoreno.com.br/informes/hoje>>. Acesso em: 2 abr. 2018.
- Disponível em: <<http://www.revistacafeicultura.com.br/index.php>>. Acesso em: 5 abr. 2018.
- Disponível em: <<http://www.museudapessoa.net/pt/conteudo/historia/aquele-que-fingia-ser-o-bom-pai-52423>>. Acesso em: 28 jun. 2018.
- Disponível em: <<http://csbh.fpabramo.org.br/o-que-fazemos/editora/teoria-e-debate/edicoes-anteriores/sociedade-mulher-negra-e-pobre-tripla-discr>>. Acesso em: 4 jul. 2018.
- Disponível em: <<https://4.bp.blogspot.com/gravata+do+campo.jpg>>. Acesso em: 30 dez.2019 (imagem 1)
- Disponível em: <<http://sertaodesencantado.blogspot.com/2018/01/umbu-alimentava-pessoal-do-cangaco-em.html>>. Acesso em: 02 jan.2020 (imagem 2)

- Disponível em: <https://feminisminindia.com/wp-content/uploads/2019/07/cc308c2bca914ad08a7e751598b21aaa_6.jpg> Acesso em: 06 jan.2020 (imagem 3).
- Disponível em: <<https://revistaraca.com.br/mulheres-nos-cafezais/>>. Acesso em: 30 dez. 2019 (imagem 4)
- Disponível em: <<https://alobras.com.br/as-chacaras-do-bras/chacaras-do-bras-1900-lavadeiras-no-rio-tamanduate-ponte-do-carmo-capa/>>. Acesso em: 30 dez. 2019 (imagem 5)
- Disponível em: <<https://reporterbrasil.org.br/2014/09/mulheres-negras-sempre-vivas-da-serra-do-espinhaco/>> Acesso em: 02 jan.2020 (imagem 6)